

# Entrevista

---

## AUDÁLIO DANTAS

Raffaella Andréa Fernandez\*

**Raffaella Fernandez:** Quando o senhor encontrou Carolina Maria de Jesus, vocês foram diretamente ao barraco dela ou marcaram um encontro para outro dia?

**Audálio Dantas:** Não, não imediatamente, na verdade eu estava na favela já uns três dias. Eu estava fazendo a reportagem e quando ela surgiu falando que tinha um livro que ia botar o nome das pessoas no livro, eu quis saber qual era. E ela me convidou para ir à casa dela e eu fui e descobri os cadernos. Ela tinha muitos cadernos... e havia ali contos, poesias, provérbios, parece que até um romance, mas o que me chamou atenção foi o diário começado em 1955. Esqueci o mês, acho que é março. Esse diário foi ponto de partida para a reportagem que eu fiz. Praticamente foi o diário que substituiu a reportagem na qual eu iria descrever o que eu tinha assistido naqueles três dias na favela. Logo, imediatamente, qualquer pessoa com o mínimo de sensibilidade veria que aquele diário tinha uma importância muito grande porque ele era um documento.

Porque não era um simples diário, uma narrativa do dia a dia, mas era alguma coisa narrada com grande força descritiva, grande capacidade de observação e alguns momentos com muita força literária mesmo. Evidentemente foi isso que me chamou a atenção. E, como eu disse, ao invés de escrever uma reportagem, eu fiz uma apresentação desse diário, um pouco da história de Carolina e o resto foi transcrição de trechos do diário.

**RF:** Como era o local da escrita onde ela produzia? Havia uma mesa?

**AD:** Ela tinha uma pequena mesa, e estes cadernos estavam em um armário do tipo daquelas antigas cristaleiras. A maioria era caderno encontrado no lixo, caderno já usado em parte, e ela ia aproveitando tudo que encontrava para poder escrever.

**RF:** Então ela escrevia mesmo em papel de pão e folha papelão ou isso é mito?

**AD:** Não, folha de papelão eu não me lembro de nenhuma não.

**RF:** Papel de pão?

---

\* Entrevista realizada com Audálio Dantas, no dia 22 de março de 2014, no evento “Prazer em (re)conhecer, sou Carolina!”, na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, por ocasião das comemorações do centenário de Carolina Maria de Jesus.

**AD:** Papel de pão eventualmente, mas os diários que eu editei eram todos em cadernos.

**RF:** Principalmente reutilizados, cadernos antes usados por criança, não é?

**AD:** Sim! não só por criança... eram cadernos de contabilidade, cadernos de entrada e saída de mercadoria, coisa que ela ia encontrando... Alguns eram cadernos escolares mesmo!

**RF:** Eu cheguei a ver apenas um caderno de conta. Aquele que fica no Museu Afro e fiquei com uma dúvida se este caderno teria sido microfilmado ou não...

**AD:** Não, aquele caderno é meu; cedi ao Museu Afro Brasil com uma condição de devolução. Até agora não me devolveram, mas provavelmente eu vou buscá-lo de volta.

**RF:** Qual projeto editorial o senhor tinha em mente quando resolveu publicar Carolina Maria de Jesus?

**AD:** Eu não tinha propriamente um projeto editorial, porque eu não era editor. Era jornalista, mas a repercussão da reportagem, principalmente quando saiu a segunda reportagem na revista **O Cruzeiro** -- porque eu me transferei da Folha para a revista **O Cruzeiro** em 1959 -- e a reportagem de **O Cruzeiro** teve uma repercussão muito grande e um amigo meu que era editor executivo da editora Francisco Alves, Paulo Dantas (não é meu parente direto, pode ser até muito distante), romancista, pessoa

muito sensível, muito meu amigo, perguntou se eu estava disposto a fazer a decupagem dos cadernos para um livro. Eu disse, claro que sim! Porque essa ideia do livro surgiu no mesmo dia em que eu cheguei com os diários na redação da **Folha**, a antiga **Folha da Noite**, de São Paulo. Qualquer pessoa com mínimo de sensibilidade percebia, que aquilo lá teria uma grande importância, e, portanto seria um livro.

**RF:** Certo, e como o senhor resolveu as contradições de Carolina de Jesus durante o processo de edição?

**AD:** Olha, no processo de edição, na verdade, ela não interferiu em nem um momento. Ela era uma pessoa que buscava isso. Ela queria publicar livro. Ela queria mais publicar as poesias e os contos, mas o que apareceu foi diário. E, o que houve é que ela tinha momentos de grande euforia e de grande ... como se chama isso? O contrário de euforia?

**RF:** Melancolia, tristeza, apatia...

**AD:** Sei lá... ela tinha momentos de tensão... baixavava o moral, aquela coisa... E ela, antes de começar a edição do livro, depois de publicada a reportagem na **Folha**, ela achou que eu deveria ter devolvido o caderno já, por que eu trouxe o caderno do diário, só um. Ela foi a recepção da **Folha**, lá na Barão de Limeira, fez um escândalo achando que eu estava e não queria devolver o caderno. Ela achava que eu deveria ter devolvido o caderno, mas

isso era um dia; no outro dia ela já estava maravilhosamente encantada com a vida. Tinha altos e baixos. Eu percebi que eu teria problemas ali, mas que ali havia um fato importante e continuei trabalhando.

**RF:** Qual a quantidade de cadernos anotados por ela quando senhor viu pela primeira vez? Havia desenhos ou eram compostos apenas por textos?

**AD:** Havia, eu não sei exatamente, mas cerca de vinte cadernos. Desenhos não que eu conheça, não tinha nenhum desenho dela.

**RF:** Esses cadernos foram todos escritos em São Paulo ou havia textos que ela já teria escrito em Sacramento?

**AD:** Eu tenho impressão que, não em Sacramento, mas que ela tinha escrito aqui em São Paulo. Antes desse diário ela pretendia, como eu disse, muita coisa ela pretendia. inclusive, ser atriz, cantora, uma série de coisas. Era uma pessoa em busca da glória... De forma que havia esses cadernos, antes, deste havia contos, essas coisas, mas o que eu levei para trabalhar foram os cadernos de diário que ela havia interrompido.

**RF:** O senhor não se recorda se chegou a perguntar para ela se ela havia escrito em Uberaba?

**AD:** Não perguntei, mas eu tenho a impressão que não. Que ela começou a escrever em São Paulo

**RF:** Quais eram os gêneros escritos pela autora. Eles estavam separados por cadernos ou estavam mesclados num

mesmo?

**AD:** Havia alguma separação, mas em muitos casos ela aproveitava o mesmo caderno. Terminava uma coisa e continuava outra, escrevia uma poesia aqui uma poesia lá. Ela misturava um pouco essas coisas.

**RF:** Sabemos que Carolina de Jesus reescrevia seus textos. Cotejando os originais, notei alguns cadernos mais deteriorados, inclusive aqueles que foram atirados numa poça d'água pela família Jesus, segundo Vera Eunice. Também cheguei a ter contato com aqueles que ela carregava junto a seu palmilhar cotidiano, e que curiosamente ainda estão impregnados de certo odor de lixo. Nestes cadernos a escrita é mais desorganizada, assim como a gramática menos trabalhada. Fiquei me perguntando se esses teriam sido os primeiros cadernos de Carolina de Jesus escritos na favela.

**AD:** Pode ser que esses sejam cadernos que não estiveram comigo.

**RF:** São alguns daqueles que estão no Arquivo Municipal de Sacramento, em Minas Gerais.

**AD:** Bom pode ser... no Arquivo Municipal de Sacramento Sacramento, pode ser... Pode ser que a Vera Eunice tenha passado, porque os que eu tenho eram cadernos que tinham alguns provérbios, contos, poesia, etc...mas os que trabalhei diretamente foram os

cadernos dos diários.

**RF:** Os onze cadernos que ainda não foram microfilmados e nem digitalizados pela Biblioteca Nacional?

**AD:** Eu não sei o que a biblioteca fez, porque a ideia era exatamente esta: microfilmar e deixar os cadernos como documentos. Eles são documentos importantes.

**RF:** O senhor chegou a ver livros no barraco de Carolina ou referências do que ela lia? Eles estavam escritos, ou tinha algum indício de leitura?

**AD:** Não. Ela tinha algum livro meio desordenadamente. Certamente ela lia esses livros porque na escrita dela isso fica evidente. Primeiro porque ela gostava de ler e segundo fica evidente que ela adquiriu condição para escrever. Eu acho que qualquer pessoa que é leitora tem melhor condição de escrever, e, ela usava expressões que não eram do dia a dia, não eram da linguagem comum. Ela usava expressões da norma culta, que muitas vezes soavam estranhas no meio daquele diário, e, principalmente no meio da escrita dela. Do ponto de vista gramatical apresentava vários erros, mas estes erros não tiram a importância do texto.

**RF:** O senhor chegou a ver que livros eram?

**AD:** Não tive tempo de observar quais eram esses livros.

**RF:** O senhor chegou a entregar cadernos novos, canetas ou lápis para ela escrever?

**AD:** Não, ela nunca me pediu, e, curiosamente, nem me ocorreu isso. Não cheguei a fazer isso.

**RF:** Saberria dizer qual era a média de tempo que Carolina de Jesus levava para ela preencher um caderno?

**AD:** Não. Tenho a impressão que ela concertava, principalmente quando ela descrevia o dia-dia, cadernos em que há pouco tempo registrado, trechos muito grandes, dias que ela se estendia não só nos acontecimentos, assim como nas considerações que fazia, os comentários que fazia, as observações que fazia. Dependia, tinha dias que ela escrevia pouco, dependia do estado de espírito.

**RF:** Ela carregava os cadernos para escrever nas ruas?

**AD:** Muitas vezes sim. Ela parava, sentava e começava a escrever. Escrever para ela era uma coisa vital. Era, digamos, quase uma compulsão.

**RF:** Houve algum tipo de instrução por parte do senhor ou de outros intelectuais, artistas como Paulo Dantas em relação a composição, organização ou sugestões para escrita de Carolina de Jesus?

**AD:** Não. A minha discussão com ela se restringia ao tipo de coisa que ela escrevia. Eu acho que o grande valor dos textos da Carolina está exatamente nos diários porque eles constituem documentos importantes. Ao mesmo tempo em que revelam sua capacidade de

pensar, de observar o mundo e descrever as coisas que vê. Porque acho que contos, romances, poesias podem ter – evidentemente têm importância por ser ela a pessoa que era —, mas do ponto de vista de interesse mesmo eu acho que são os diários. Aliás, eu desaconselhei que ela editasse poesia e provérbios, essas coisas... Ela fez tudo isso por conta dela.

**RF:** Observei que há anotações nas marginais de alguns diários nas quais ela pediu ajuda por não se recordar de alguns nomes. Como funcionava esta troca? Imagino que tenha sido a letra do senhor nos cadernos. Na marginalia, às vezes, está escrito “não lembro o nome”, “um nome X” ou então, a palavra “crítica”, sinalizando um ponto de vista pessoal. Eram anotações do senhor no momento da preparação do livro?

**AD:** É. Provavelmente. Sinceramente não me lembro, provavelmente porque o trabalho de compilação, ou seja, de extrair textos do diário, separar, editar esses textos, sem alterar a escrita dela, sem alterar a ortografia, sem alterar a sintaxe, porque nisso é que tinha a força da coisa. Pode ser que eu tenha feito essas observações. Porque em alguns casos havia necessidade de explicar a que ela estava se referindo. Algumas intervenções minhas no texto não foram no sentido de reescrever nada, mas no sentido de buscar o mais significativo sem alterar, a não ser em caso de pontuação, quando a pontuação podia dar um sentido

que não era aquele que ela queria dizer.

**RF:** Então o senhor fazia anotações e devolvia o caderno para ela, ela devolvia o caderno de volta. Acontecia essa troca?

**AD:** Não, não havia essa preocupação. Bom, muitas vezes eu perguntava para ela olha aquilo lá, fulano, sicrano, como é que foi? Mas não que ela visse para depois me devolver.

**RF:** Observei que ela inicia alguns cadernos com o nome de um romance, por exemplo, “Maria Luiza” e depois escreve textos aleatórios como suas memórias dos tempos de Bitita. Como senhor descreveria esse mecanismo dentro do processo criativo de Carolina de Jesus?

**AD:** Eu acho que o processo criativo de Carolina de Jesus é resultado de um talento, de uma força natural, inata de quem precisa se expressar. Ela não tinha método. Isso fica evidente. Muitas vezes você pega um caderno, vem uma coisa e de repente entra uma poesia, entra com um texto de referência a determinado episódio ou determinada pessoa, mas ela não era a pessoa que tivesse, digamos uma organização no escrever, não tinha!

**RF:** O senhor acredita que ela não tinha um projeto literário, seria isso?

**AD:** Não, ela tinha força e, muitas vezes, a pretensão de ser uma literata, de escrever, de publicar contos, poesias... Isso ela sempre teve. Era uma espécie de sonho.

**RF:** O senhor sabe quem datilografou os textos dela como alguma de suas

narrativas com características de fábulas?

**AD:** Olha, quem datilografou os textos do diário fui eu e isso foi entregue à Editora Francisco Alves, eu suponho...

**RF:** Gostaria de saber dos outros gêneros.

**AD:** Os outros eu não sei. Eu não sei, porque, como eu disse, eu acho que aqueles trabalhos... muitos intelectuais discutem acham que eles são importantes e pode ser, mas do meu ponto de vista, pelo menos na ocasião, o que tinha importância era o diário. Eu não me detive a examinar contos.

**RF:** Então, o senhor não chegou a ler os romances ou os poemas?

**AD:** Não, li por cima, li transversalmente.

**RF:** O senhor acredita que todos os textos de Carolina de Jesus passam pelo viés autobiográfico, como os romances, contos, poemas, etc.?

**AD:** Sim, sim, é basicamente isso. Ao contar seu dia a dia, ela vai fazendo a própria autobiografia. É a vida dela que ela descreve.

**RF:** Recentemente descobri, via José Carlo Sebe Bom Meihy, que haveria dois cadernos de Carolina na Biblioteca Mindlin, doado por ele mesmo, em mãos, ao Mindlin. No entanto, estes cadernos não foram encontrados. O senhor teria alguma ideia sobre este paradeiro desse material?

**AD:** Que biblioteca?

**Raffaella Fernandez:** Mindlin.

**AD:** Ah! Mindlin. Não, sei não. Eu acho que se estiver lá está bem guardado.

**RF:** Infelizmente não está, porque eu tentei encontrar eles não sabem dizer o paradeiro.

**AD:** Uma coisa eu tenho certeza é que se eu não tivesse guardado esses cadernos eles teriam sido perdidos. Isso não tenho dúvida nenhuma. No rolo que as coisas andam, eles estariam perdidos. Felizmente eles estão na Biblioteca Nacional. Esse do Mindlin eu não sabia não.

**RF:** Segundo Vera Eunice, há um romance inédito de Carolina, de posse de uma celebridade (Arlindo Cruz) da qual ela não revela o nome, que teria morrido em 2013. O senhor saberia algo sobre isso?

**AD:** Não. Porque eu não dei importância para os tais textos literários que muita gente, principalmente os acadêmicos discutem, buscam desenvolver interpretações, coisas desse tipo, que nunca foi a minha preocupação. A minha preocupação era mostrar e está demonstrado que o diário, que foi publicado com o título de **Quarto de despejo**, teve um sucesso enorme do Brasil e no mundo inteiro e as outras coisas não tiveram. Porque ela publicou outras coisas. Então eu gostaria de saber qual é a importância exata desses outros trabalhos.

**RF:** O senhor saberia dizer o significado da palavra **Clíris**, título dado

por Carolina a seu livro de poemas?

**AD:** Não sei, mas ela era uma pessoa inventiva. Ela não era apenas uma copista do dia a dia. Ela inventava. Eu tenho a impressão que esse nome eu nunca vi no caderno. Não me lembro, me parece que é um nome inventado por ela. Ela tinha uma grande capacidade de invenção.

**RF:** Carolina de Jesus tocava violão de fato como vemos nas fotos?

**AD:** Olha, eu nunca a vi tocar, mas provavelmente sim. Uma coisa é fato: Carolina era uma artista. Ela era uma artista à moda dela. Ela fez música. Eu acompanhei. A música que ela fazia era uma invenção. Ela não escrevia música, mas ela inventava o som, a melodia e botava letra. Tanto é que ela gravou um disco, você sabe. Isso eu acompanhei, mas engraçado não me lembro... Acho que nunca a vi tocar violão.

**RF:** Saberria dizer algo sobre a relação entre Carolina de Jesus e o espiritismo Kardecista?

**AD:** Bom, olha ela nunca me falou em termos de religião, espiritismo, etc. e tal. É sabido que os dois anos do ensino fundamental que tem foram feitos no Colégio Alan Kardec em Sacramento. Ela cita várias vezes, inclusive, o fundador daquele colégio, o Eurípedes Barsanufó, mas ela não revela essas coisas de religião. Evidentemente ela era uma pessoa com certas iluminações. Tinha momentos de revelação, mas ela não dizia que estava professando esta ou aquela religião.

**RF:** Como eram esses momentos de iluminação?

**AD:** Ao escrever, por exemplo. Eu fui conhecer Sacramento recentemente. Há quatro, cinco anos, sei lá. É uma cidade com ar místico. Muitas pessoas praticam o espiritismo, pessoas que estão na história da cidade. É provável que ela tenha recebido influência disso.

**RF:** O senhor chegou a ver as três fantasias de carnaval confeccionadas por Carolina de Jesus?

**AD:** Eu vi uma que era um vestido de lâmpadas. Ela chamava de vestido elétrico. Eu acho que isso revelava certas alucinações. Um vestido elétrico é uma coisa assim inimaginável.

**RF:** Como era este vestido?

**AD:** Ela vestia e acendia as lâmpadas. Não me lembro se precisava botar um fio...

**RF:** Ela costurou lâmpadas em cima de um fio?

**AD:** Isso! Eram várias lâmpadas que acendiam e piscavam. E, ela chegou a mostrar isso... Eu conhecia uma pessoa, um diretor de televisão, muito conhecido lá da TV Excelsior (o nome daqui a pouco eu me lembro) que disse que uma vez ela foi lá. Ela tentava fazer teatro.

**RF:** Como o senhor caracteriza a pessoa Carolina, acredita que ela possuiria algum traço de semelhança com Bispo do Rosário ou Estamira?

**AD:** Eu acho que ela era um artista, evidentemente, e tinha momentos de

alucinação. Isso para mim ficou muito claro. O humor dela oscilava muito. Em relação a mim, por exemplo, a maioria das vezes, ela me considerava um anjo, era o salvador, era o revelador; em determinados momentos, era um inimigo. Isso aconteceu com muita clareza, principalmente no diário que ela escreveu depois e que foi publicada no livro **Casa de alvenaria**. Ela faz referência, num dos diários, lamentavelmente, eu não anotei qual deles, que, em algum tempo, ela fez exame psiquiátrico no Hospital das Clínicas, aqui em São Paulo, e retirou líquido raquidiano, coisa desse tipo. Ela escreveu isso em algum lugar, eu não coloquei isso no diário não, mas ela era uma pessoa, evidentemente, com a personalidade que tinha momentos de psicopatia. Não tenho dúvidas disso. Sei lá o que seria, mas o comportamento, o humor dela mostrava muito isso. A revolta, isso era muito marcante na personalidade de Carolina. Revolta contra o estado de vida que ela levava, contra tudo que ela considerava injustiça e tudo mais.

**RF:** Porque ainda nos dias de hoje, mesmo com tanto interesse do público curioso e admirador da autora, ainda haja tantas dificuldades em publicar Carolina de Jesus?

**AD:** Olha, eu não acho que haja dificuldade. O que eu acho é que as editoras são empresas de negócios. Acredito que elas não consideram que seja negócio publicá-la. Principalmente

estas outras produções dela. A Editora Ática reeditou o **Quarto de despejo** não sei até quando, mas como quem acompanha isso é a Vera Eunice, não sei que situação está, mas o fato é que o livro foi reeditado.

**RF:** Muito obrigada, senhor Audálio Dantas.

**AD:** Eu que agradeço.



